



ÁREA DE VIDA E DESLOCAMENTO DE *AKODON MONTENSIS* E *GRACILINANUS MICROTARSUS* EM UM FRAGMENTO NO SUL DE MINAS GERAIS

Fontes, S.V.; Passamani, M.; Jacinto, C.H.; Pereira, M.S.; Sant'Ana, A.P.P.

Universidade Federal de Lavras, Departamento de Biologia 37200-000, Lavras, Minas Gerais. stevfontes@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Área de vida ou de utilização é o local onde eles passam grande parte do tempo realizando suas atividades, e dentro dela possui locais para fuga de predadores (Odum, 1983). A área de vida pode variar dependendo da espécie, do sexo, bem como tamanho e hábito alimentar (Bergallo, 1995). Para determinarmos à área de vida de um animal, precisamos saber de seu deslocamento dentro de uma área, e tal deslocamento pode refletir sua busca por recursos, como alimento, parceiro e demarcação de território.

A crescente devastação e fragmentação da Mata Atlântica têm alterado o uso do espaço pelas espécies de mamíferos, podendo ocasionar uma diminuição da distribuição geográfica das espécies. Ao todo, este bioma apresentava 1.300.000 km² (15% do território brasileiro), sendo que hoje restam apenas 7% de sua formação original (SOS Mata Atlântica & INPE, 2000).

A Mata Atlântica possui 250 espécies conhecidas de mamíferos, onde destas 55 são endêmicas. Das 209 espécies de roedores e marsupiais que ocorrem no Brasil, 23 são espécies de marsupiais e 79 de roedores, dos quais 39% e 46%, respectivamente, são espécies endêmicas (Fonseca et al., 1996). Dentre estas estão *Akodon montensis*, que é um pequeno roedor terrestre de hábito alimentar insetívoro-onívoro e *Gracilinanus microtarsus*, um pequeno marsupial arborícola de hábito alimentar insetívoro-onívoro, e estas são as duas espécies mais abundantes em um fragmento de mata na região de Lavras, Minas Gerais (Sant'Ana, 2007). Dessa forma, este trabalho teve como objetivo determinar a área de vida e o deslocamento destas duas espécies em um fragmento no sul de Minas Gerais.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado na Reserva Florestal da Universidade Federal de Lavras, MG (21° 13' 40" S

e 44° 57' 50" W), um fragmento de 5,8 ha com uma altitude de 925 m, e vegetação do tipo Floresta Estacional Semidecidual Montana. (Velooso et al., 1991).

A coleta de dados compreendeu o período de agosto de 2006 a abril de 2007, onde foram realizadas coletas mensais, durante seis dias consecutivos. As armadilhas foram colocadas num sistema de grade de 7 x 6 pontos, eqüidistantes 20 m uma da outra e numa linha móvel de sete pontos que era deslocada paralelamente à grade a cada dia de coleta, com o intuito de aumentar a área de amostragem e possibilitar avaliar deslocamentos e área de vida dos animais amostrados. Em cada ponto foram colocadas duas armadilhas: uma disposta no estrato inferior (solo) e outra no estrato médio (entre 1,0 e 2,0 m de altura) fixada em galhos de árvores, totalizando 96 armadilhas. Foram usadas armadilhas do tipo Sherman pequenas (25,0 x 9,0 x 8,0) e grandes (43,0 x 12,5 x 14,5) alternadas, além de algumas de grades grandes (45,0 x 16,0 x 16,0). As armadilhas foram iscadas com uma mistura composta por banana, amendoim, óleo de fígado de bacalhau (emulsão Scot) e fubá e eram trocadas quando necessária. O método utilizado foi captura-marcação-recaptura e os animais capturados foram identificados, marcados com brincos numerados, pesados e averiguado o sexo e condição reprodutiva.

A área de vida das espécies foi calculada usando o método do Mínimo Polígono Convexo e foram calculadas tanto para machos quanto para fêmeas com o intuito de verificar diferença entre os sexos. Os deslocamentos foram avaliados em intervalos de 24 horas e foram obtidos a partir das capturas sucessivas dos indivíduos dentro da grade de amostragem e avaliados separadamente entre os sexos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A área de vida de *A. montensis* foi avaliada para 17 indivíduos, apresentando uma média de 2652 ±

3125m² (variando de 280 a 11850m²). Quando avaliada a área de vida em relação ao sexo, as fêmeas de *A. montensis* apresentaram menores valores (1092 ± 1007m²) que os machos (1460 ± 934m²) e esta diferença não se mostrou significativa (t = 0,582; p = 0,576). Enquanto a área de vida de *G. microtarsus* obteve uma média de 2128 ± 1674m² (variando de 280 a 5430m²) para 15 indivíduos avaliados. As fêmeas de *G. microtarsus* tiveram uma área de vida média de 2897 ± 1962m² (variando de 430 a 5430m²) e os machos de 1638 ± 1298m² (variando de 280 a 3850m²) sendo esta diferença não significativa (t = 1,336; p = 0,208).

O deslocamento de *A. montensis* foi avaliado com 24 indivíduos mostrando uma média de 48,7 ± 48,6m (podendo variar de 20 a 201m). Com relação ao sexo, as fêmeas apresentaram um deslocamento médio de 46,5 ± 52,9m (variando de 20 a 201m) e os machos de 31,3 ± 22,9m (variando de 20 a 82,5m) e esta diferença não se mostrou significativa (t = 0,715; p = 0,484). Para *G. microtarsus* foram avaliados 19 indivíduos e a distância média percorrida foi de 47,7 ± 29,4m (variando de 20 a 120m). Em relação ao sexo, as fêmeas apresentaram um deslocamento médio de 59,7 ± 30,7m (variando de 20 a 120m) e os machos 27,1 ± 8,8m (variando de 20 a 44,7m), e este maior deslocamento das fêmeas se mostrou significativo (t = 2,176; p = 0,015). Não está muito claro quais os fatores que podem estar influenciando um maior deslocamento das fêmeas de *G. microtarsus* quando comparados com o dos machos. Portanto a avaliação destes parâmetros entre estação reprodutiva e não reprodutiva poderia ajudar a entender se existe um fator relacionado à modificação da taxa metabólica nestes dois períodos, semelhante ao que já foi proposto para outras espécies de pequenos mamíferos no Brasil (Bergallo, 1995).

(Este trabalho recebeu apoio financeiro da Fapemig)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bergallo, H.G. 1995.** Os Efeitos da disponibilidade de alimentos e dos fatores climáticos na reprodução, condição, crescimento e uso do espaço por quatro espécies de roedores do sudeste do Brasil. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- Fonseca, G.A.B.; Hermann, G.; Leite, Y.L.R.; Mittermeier, R.A.; Rylands, A.B.; Patton, J.L. 1996.** Lista anotada dos mamíferos do Brasil. *Occasional Papers in Conservation Biology*, 4: 1-38.
- Ludwig G. 2006.** Área de vida e uso do espaço por *Alouatta caraya* (Humboldt, 1812) em ilha e continente do alto rio Paraná. Tese de Mestrado, Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Odum, E. P. 1983.** Ecologia. Rio de Janeiro: Interamericana, 434p.
- Sant'Ana, A.P.P. 2007.** Pequenos Mamíferos em um fragmento de Floresta Estacional Semidecidual Montana em Lavras, MG. Monografia de Graduação. Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais.
- SOS Mata Atlântica & INPE. 2000.** Evolução dos Remanescentes Florestais e Ecossistemas Associados no Domínio Mata Atlântica. SOS Mata Atlântica, Instituto de Pesquisa Espaciais, São Paulo, Brasil.
- Veloso, H.P.; Rangel-Filho, AL.R.; Lima, J.C.A. 1991.** Classificação da Vegetação Brasileira, adaptada a um sistema universal. Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, 1991. 124 p.